

**Museus gratuitos?** O assunto é polémico entre os agentes do sector. O DN chamou para esta discussão três especialistas. As posições, como se pode ler, não são unânimes. Há quem defenda que o consumo de cultura não pode ser feito à custa do orçamento das famílias. Mas também quem considere que, mesmo simbólico, todo o dinheiro que entre é bem-vindo para manter os museus abertos. E que o importante é repensar o financiamento

## Entradas livres, uma questão de atitude



**GABRIELA CANAVILHAS**  
Ministra da Cultura

O desafio que se coloca à gestão dos museus portugueses é o de saber valorizar e reforçar a ligação afectiva dos visitantes e dos cidadãos aos seus museus, conseguir fazer deles espaços de fruição cultural e, simultaneamente, verdadeiros espaços de prazer. Conquistados os públicos, muitos dos problemas ficam muito mais fáceis de serem resolvidos. Espaços vividos e acarinhados pelo público são o primeiro passo para a sua dignificação, para o incremento dos seus meios de financiamento, para se tornarem atractivos aos patrocinadores e para serem olhados

como coisa sua pelo cidadão. O consumo cultural é, cada vez mais, um conjunto multifacetado de vivências que não se esgotam no bem cultural *per se* e exigem novas abordagens junto de públicos cada vez mais exigentes e informados. Numa lógica de respeito pela coisa pública, de respeito pela missão museológica – a preservação, o restauro, a divulgação e o enriquecimento das colecções – e de respeito pelos cidadãos, é absolutamente fundamental, antes de mais, saber ler os sinais do nosso tempo e adequá-los à gestão patrimonial.

O aumento das receitas de bilheteira, através da restrição às entradas livres aos domingos, seria a forma mais fácil e rápida de se resolver problemas de financiamento dos museus; mais difícil é, justamente, mudar o paradigma museológico novecentista, passivo e acomodado, e passar à acção através de uma gestão aberta à interdisciplinaridade, com recurso a maior eficácia de *merchandising*, a dinamização de lojas e restauração, aliciamento de voluntariado, oferta complementar de actividades culturais, estabelecimento de parcerias e angariação de patrocínios e mecenias – veja-se, nestes domínios, os exemplos positivos do Museu Nacional de Arte Antiga, do Chiado e do Palácio Nacional da Ajuda.

A sempre recorrente queixa de “falta de estratégia da tutela” para o sector (leia-se falta de verba do Estado), esconde, no fundo, a cristalização das atitudes, inversa aos pressupostos do Plano Estratégico para os Museus para o Século XXI, apresentado pela tutela em 2010, que aponta claramente para uma mudança de mentalidades e dos paradigmas do passado.

Acabar com entradas livres aos domingos de manhã, em nome do aumento de receitas, seria destruir o princípio democrático que as criou – proporcionar às famílias portuguesas oportunidade de fruição cultural (dificultada durante a semana de trabalho e de escola) –, sendo que estas são já financiadoras dos museus e palácios, através dos seus impostos.

Como disse no início das minhas funções, o ideal seria podermos proporcionar a todos os portugueses, e em todos os dias da semana, o livre acesso às colecções permanentes dos nossos museus e palácios (no Reino Unido aplicou-se esta medida a nacionais e a estrangeiros e os públicos tiveram um aumento médio de 135%! E deixaram dinheiro em donativos, nas lojas e cafeterias dos museus, nos transportes públicos, em suma, na economia em geral, subsidiária, cada vez mais, do turismo cultural).

Mas para isso teremos de encontrar financiamento alternativo às receitas dos actuais 11% de visitantes nacionais que ainda pagam bilhete, incrementar uma verdadeira economia cultural associada a este sector e, ainda, aprovar enquadramento legal para cobrarmos, mais eficazmente, aos estrangeiros e aos grupos organizados de turistas. Deixemos, definitivamente, as famílias portuguesas de fora deste esforço, pelo menos aos domingos de manhã.

“  
Deixemos as famílias portuguesas de fora deste esforço”

## Em favor da gratuitidade



**LUÍS RAPOSO**  
Presidente do ICOM Portugal

Dizem-nos que só se valoriza o que se paga. Certamente é por isso que não se valorizam as bibliotecas nem o ar que respiramos. Dizem-nos que temos de fazer dinheiro a todo o custo. Certamente é por isso que Berlusconi, em Itália, decidiu pôr a render o Coliseu, entregando-o a privados. Em suma, dizem-nos que devemos ser modernos e promover a excelência. É

por isso que no último ano passámos a obrigar os nossos professores e estudantes, de todos os graus de ensino, a pagar as entradas nos museus do Ministério da Cultura, enquanto no Museu Berardo qualquer visitante entra de graça. No fundo, o que querem que o povo diga é: “Abaixo o Estado social e viva os comendadores dos pobres!”

Bem sabemos que não existe alma no capitalismo, por isso não lhe falamos ao coração. Dizemos apenas que os arautos do mercado estão enganados quando pensam que a gratuitidade constitui “mau negócio”. Em Londres provou-se o contrário. Os museus gratuitos fazem parte de um pacote que aumentou muitíssimo o turismo cultural, que se traduziu em mais actividade económica e acabou, até, por dar maior retorno financeiro aos museus. Em Lisboa, pelo menos, temos todas as condições para fazer idêntico, desde que haja visão e planeamento estratégico.

Claro que é possível, e até desejável, limitar a gratuitidade segundo diversos critérios, cumulativos ou não: certos museus apenas, dentro de determinadas faixas horárias e para escalões etários específicos. Uma das vias mais interessantes a prosseguir será a de oferecer entrada livre em galerias permanentes e investir bastante em exposições temporárias pagas e bem pagas. Os próprios serviços complementares dos museus (lojas, cafeterias, etc.), devidamente dimensionados, poderiam constituir fontes de rendimento não negligenciáveis. Invistam os governantes o mínimo dos mínimos, em vez de abandonar os museus, e todos poderemos colher lucros. Lucros, sim. Em contato e não apenas, perdoe-se o romantismo, em termos de promoção do saber e de elevação da cidadania.

E, por outro lado, não quererão os arautos do mercado estar à moda? Pois então atentem em que a tendência internacional nos últimos anos tem sido a de alargar e não restringir as situações de gratuitidade – o que tem sido feito em benefício dos mercados. Esqueçam os valores cívicos, se estes os incomodam. Mas por um momento abandonem o triste fado da casa sem pão, onde todos ralham e ninguém tem razão. Pouco lhes é pedido, afinal, senão que pensem menos como merceeiros e mais como capitalistas.

“  
A tendência internacional tem sido a de alargar a gratuitidade”

## Uma fonte de receita



**JOÃO NETO**  
Presidente da Associação Portuguesa de Museologia

A APOM tem-se pautado por uma conduta de análise e discussão dos problemas da museologia portuguesa fora dos holofotes da comunicação social, por entender que a boa resolução dos desafios carece de ambientes isentos de tensões. Porém, tudo tem um limite e a irresponsabilidade da política de financiamento dos museus do Estado português tem de ser evidenciada.

A APOM há largos anos que vem alertando para as questões da gratuitidade e da sustentabilidade económica e financeira dos museus e para a necessidade da criação de um verdadeiro e realista plano estratégico para os museus.

Os museus do Estado vivem desde há algum tempo numa crise profunda com o constante desinvestimento nesta área (este ano, menos 4 milhões de euros). Actualmente, os museus e os seus profissionais sentem-se inseguros quanto ao rumo das instituições e das suas colecções, vivem na ansiedade de não saberem se os pilares que sustentam estas instituições de conhecimento e de inclusão social ruirão abruptamente em consequência de sucessivas políticas irresponsáveis na área do património.

A verdade é que se gasta mal, não existem políticas devidamente estruturadas, não existe racionalidade nas soluções para as reais dificuldades – falta de dinheiro, falta de estratégia, falta de recursos humanos especializados devidamente remunerados.

É surpreendente assistir à forma irredutível como foi defendida pela sra. ministra da Cultura uma gratuitidade cega para os museus. Com esta prática são prejudicados os museus, as suas colecções e o próprio público que verá os seus museus a perder qualidade e serviços.

Para que os museus não encerrem, é necessário que os visitantes continuem a contribuir financeiramente, embora de forma simbólica em alguns dias. A gratuitidade, actualmente, está para os museus como o *iceberg* para o *Titanic*.

A manutenção de um domingo gratuito por mês possibilitará ao público em geral e especialmente aos mais carenciados, continuar a poder fruir do património e das suas colecções gratuitamente, mas por outro lado permitirá aos museus fazerem mais receitas que poderão contribuir para a sua salvaguarda.

As entradas não são o único meio de financiamento dos museus, mas são uma fonte directa e fundamental de receita que ajuda no seu funcionamento. Retirar essa possibilidade directa é aniquilar qualquer possibilidade de renascimento. Bem sabemos que a manutenção das entradas (parcialmente) pagas não será uma panaceia.

Existem outras medidas que têm de ser corajosamente tomadas neste tempo de crise, mediante uma nova perspectiva de gestão em que todos possamos trabalhar para soluções eficazes e isentas de recursos eleitoralistas de ocasião.

“  
A gratuitidade está para os museus como o ‘iceberg’ para o ‘Titanic’”